

Programa Routers

Seminário 3 – Teste de Associação de Palavras e os Complexos

Parte 1

8 de Novembro de 2025



*SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE PSICOLOGIA
ANALÍTICA*



INSTITUTO C.G.
JUNG
PORTUGAL



Programa

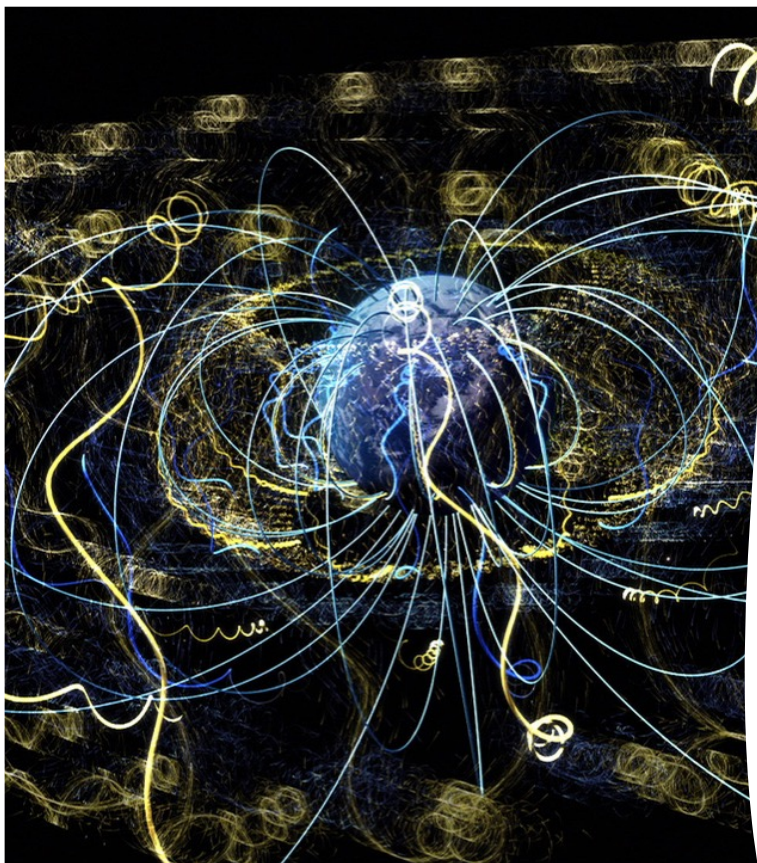
- Teoria dos Complexos (teoria clássica, novas teorias e neurociência)
- Os complexos na prática clínica



Programa

- Teoria dos Complexos (teoria clássica, novas teorias e neurociência)
- Os complexos na prática clínica





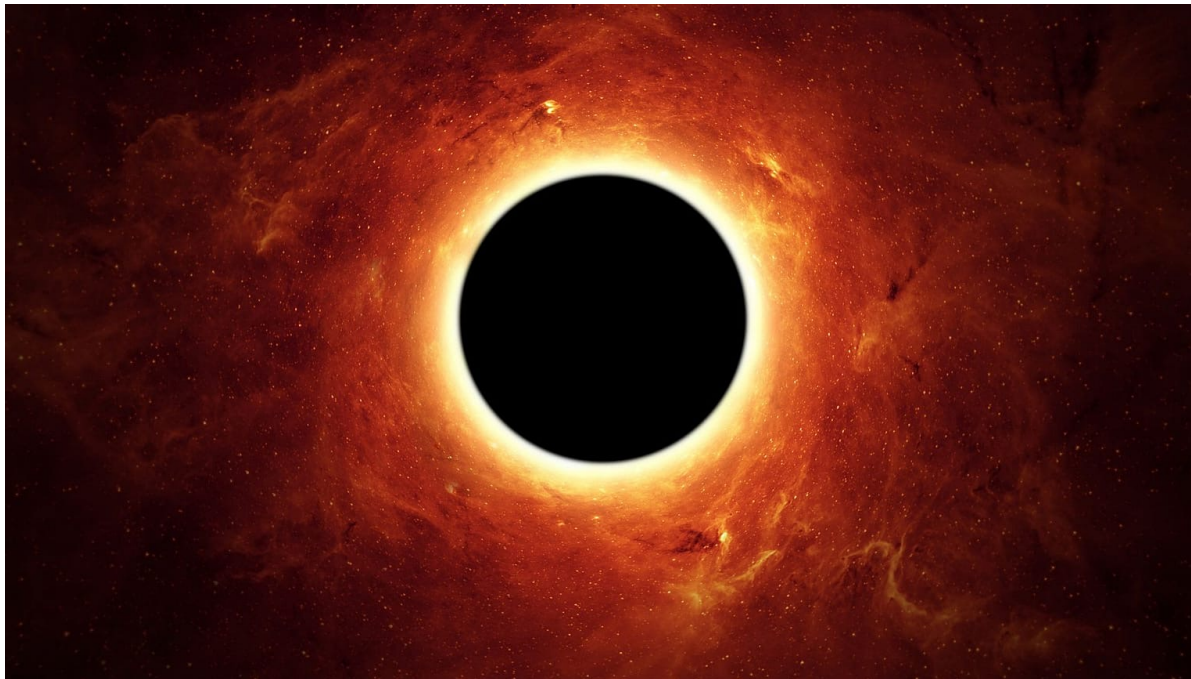
A palavra “**complexo**” vem do latim **complexus**, participípio passado de **complecti**, que significa “abraçar”, “entrelaçar”, “envolver”, “conter”.

com- = “com, junto, em conjunto”

plectere = “dobrar, entrelaçar, tecer”

Portanto, **complexus** designa aquilo que é **entrelaçado ou composto de várias partes unidas**.

Uma imagem



Características de um buraco negro:

- a “fronteira” do buraco negro. Para além dela, nada consegue escapar — nem mesmo a luz. Define o limite entre o que ainda pode interagir com o universo e o que fica preso;
- No centro, a teoria prevê uma região de densidade e curvatura do espaço-tempo infinitas, onde as leis da física que conhecemos deixam de ser aplicáveis;
- A gravidade é tão intensa que distorce profundamente o espaço-tempo.

Arquétipo: a presença do conceito em Jung

Período	Obra / Volume	Termo usado	Descrição
1909–1912	<i>OC 5</i>	“imagens primordiais”	Primeira intuição do conceito
1919	<i>OC 8/1</i>	“arquétipo” (primeira vez)	Introdução formal do termo
1934–1954	<i>OC 9/1</i>	“arquétipo”	Consolidação teórica e fenomenológica



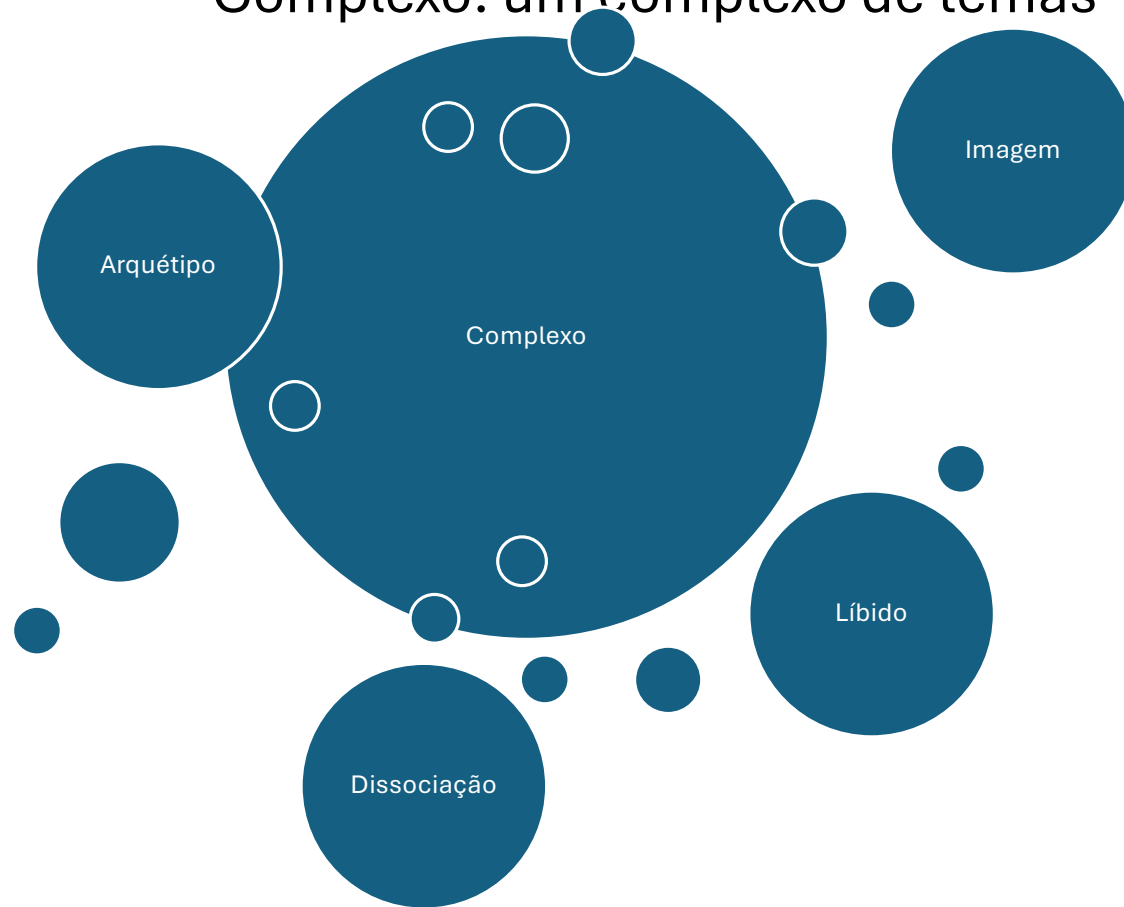
SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE PSICOLOGIA
ANALÍTICA



Complexo: evolução do conceito em Jung

Fase	Obras principais	Conceito central
1902–1910	<i>OC 3, 4, 8</i>	Complexo como formação afetiva pessoal (experimental, dissociada)
1911–1916	<i>OC 5 (Símbolos da Libido)</i>	Raízes míticas e universais dos complexos
1920–1930	<i>OC 6, 8, 9i</i>	Complexo como expressão do arquétipo (nível coletivo)
1940–1950	<i>OC 9ii, 10, 11</i>	Integração dos complexos no processo de individuação

Complexo: um complexo de temas



SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE PSICOLOGIA
ANALÍTICA



INSTITUTO CG
JUNG
PORTUGAL



Das partes para o todo...

“Quando falo de “imagem” eu não me refiro ao reflexo psíquico de um objecto externo, mas sim a um conceito derivado da poesia, nomeadamente o de *imagem-fantasia*, o qual é relacionado apenas indirectamente com a percepção de um objecto externo. Esta imagem depende mais da actividade inconsciente da fantasia e como produto dessa actividade aparece mais ou menos abruptamente na consciência, em formas como visões ou alucinações, mas sem o carácter mórbido que estão presentes nos casos clínicos.”

OC 6, par. 743



“Instinto...é um **impulso** dirigido a certas actividades. Este impulso pode vir de um estímulo exterior ou interior que faz disparar o mecanismo associado ao instinto”

(OC 6, par. 765)

Instinto é um modo típico de ação

“...cada instinto contem em si o **padrão da situação**. Obedece sempre a esta **imagem**, e essa imagem tem características fixas... se alguma destas condições faltar, o instinto não funciona, pois não pode existir sem a situação estar **completa**, sem a sua imagem...podemos dizer que a imagem representa o sentido do instinto”

(OC 8/2, par. 398)

Esta imagem é o arquétipo, um **modo típico de apreensão**; o arquétipo é um aspecto do instinto, a sua “**imagem**” e “**sentido**” determinando a forma e direção do instinto - **TEMA**

Das partes para o todo...



“Por *l*íbido eu entendo *energia psíquica*. Energia psíquica é a *intensidade* de um processo psíquico, o seu *valor psicológico*”. Isto não implica uma atribuição de valor, seja este moral, estético ou intelectual; o valor psicológico está implícito no seu poder determinador, que se expressa nos seus efeitos psíquicos. Também entendo que a *libido* é uma *força* psíquica... uso o conceito de energia para falar de **intensidades** ou valores... as vezes uso o termo “energia” e outras uso “libido”

OC 6, par. 778

Das partes para o todo...

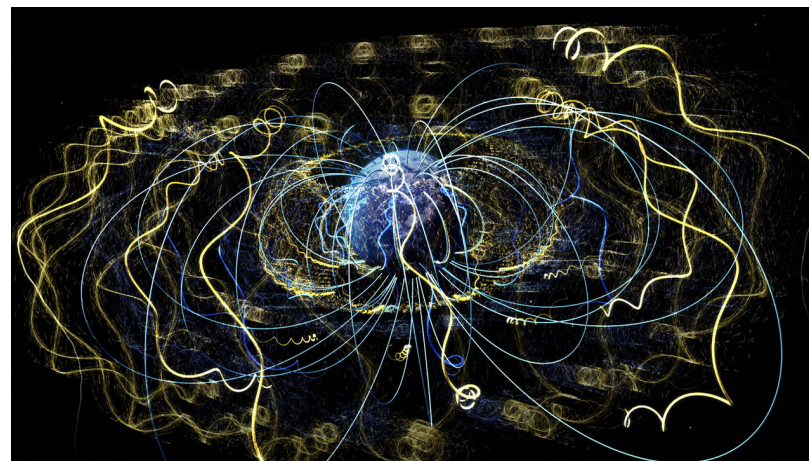
“A psique não é uma unidade indivisível mas sim divisível, mais ou menos um todo em partes. Apesar das diversas partes estarem ligadas umas às outras, são relativamente independentes, tanto que algumas partes da psique jamais serão associadas com o Eu, ou apenas raramente. Eu chamei a estes fragmentos psíquicos “complexos autónomos”, e baseei a minha teoria dos **complexos** na sua existência” (OC (I/2, par. 582)



Complexos definidos por Jung (Gefühlsbetonter Vorstellungskomplex)

“...existem certos agrupamentos de elementos psíquicos em torno de conteúdos emocionais que denominamos complexos. O conteúdo emocional, ou complexo, é constituído de um **elemento nuclear** e de uma **grande quantidade de associações** consteladas secundariamente. O elemento nuclear consta de dois componentes: em primeiro lugar, de uma condição, determinada pela experiência, portanto, de um facto vivido, causalmente vinculado ao ambiente, e, em segundo lugar, de uma condição imanente de carácter individual de natureza disposicional. O elemento nuclear distingue-se pela tonalidade emocional, pela tónica afectiva. Esta tónica, quando expressa energeticamente, é uma quantidade de valor. A quantidade pode ser de certa maneira avaliada subjectivamente, se o elemento nuclear for consciente. Mas se o elemento nuclear for inconsciente – o que ocorre frequentemente – ou se pelo menos o seu significado psicológico for inconsciente, a avaliação subjetiva não funciona. Neste caso deve ser aplicado o método subjetivo de avaliação...” (OC 8/1, par. 18, 19)

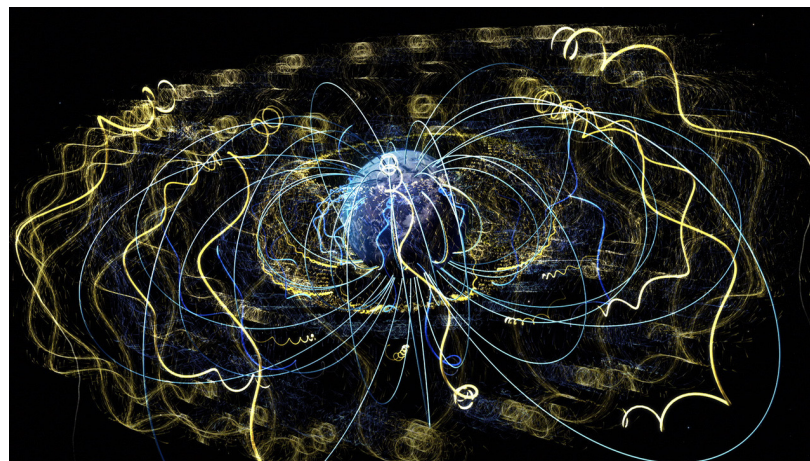
(ler todo o par. 19 e nota 17)



Complexos definidos por Jung (Gefühlsbetonter Vorstellungskomplex)

“ A **imagem** de uma determinada situação psíquica que tem uma **forte carga emocional** e que é incompatível com a atitude habitual da consciência. Esta imagem tem uma poderosa **coerência interna**, tem a sua própria totalidade e adicionalmente, **um alto grau de autonomia**, pois está sujeita ao controlo da mente consciente apenas de forma **limitada**, e por isso comporta-se como um corpo estranho na esfera da consciência”

(OC 8/2, par. 201)



“Cada complexo tem no seu centro um arquétipo, isto é, uma imagem primordial do inconsciente coletivo.”

— Jung, CW 8, §210

Complexo e Arquétipo – implicações teóricas e clínicas

Do pessoal ao coletivo

- O complexo era visto apenas como algo **pessoal** — um agrupamento de experiências e emoções reprimidas ou conflituosas; com o arquétipo no centro, o complexo passa a ter uma **raiz** no inconsciente coletivo — ou seja, ele é uma forma universal, herdada, que ganha conteúdo pessoal na vida de cada indivíduo;
- O complexo torna-se uma **ponte entre o inconsciente coletivo e o inconsciente pessoal**;
- O complexo é a forma pessoal que esse arquétipo assume, conforme as experiências individuais

O complexo não é apenas patológico

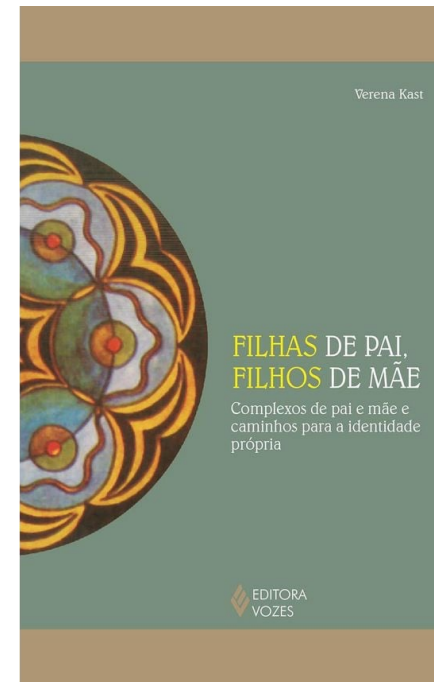
- Com essa amplificação, Jung deixa de ver o complexo apenas como algo a eliminar — ele passa a ser **uma expressão viva da psique**, contendo energia criativa e potencial de transformação. Trabalhar com o complexo é uma forma de **tornar consciente a energia arquetípica que ele carrega**;
- Os complexos **não só apenas vistos como traumas**, mas como **vias de acesso ao inconsciente coletivo e portadores de sentido simbólico**;
- O complexo é tanto **obstáculo quanto oportunidade** no processo de individuação



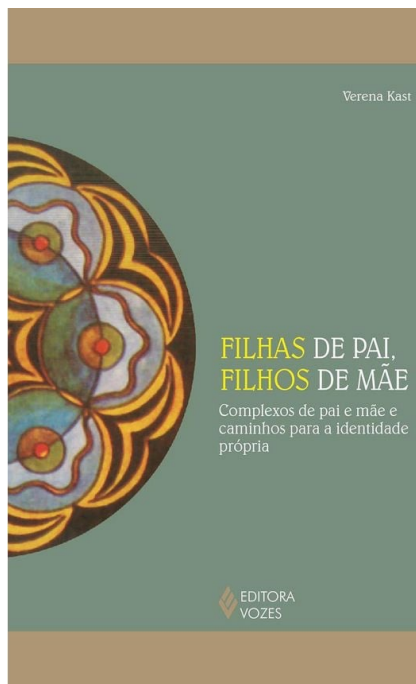
Complexos... esclarecendo

Complexos são constelações específicas de memórias formadas de condensados de experiências, fantasias, expectativas... Que se agrupam à volta de um tema básico particular que está colorido por uma forte carga emocional. Os complexos têm um centro arquetípico; por outras palavras, eles **formam-se sempre que algo essencial à vida é invocado** (Kast, 2022, p. 2, 21)

Sempre que este **tema básico ou a emoção que está causa** são estimulados na nossa vida, reagimos à situação e interpretamos a mesma através do complexo e reforça-o... Situações semelhantes são sempre acompanhadas pelas mesmas emoções (Kast, 2022, p. 2, 22)



Complexos... esclarecendo

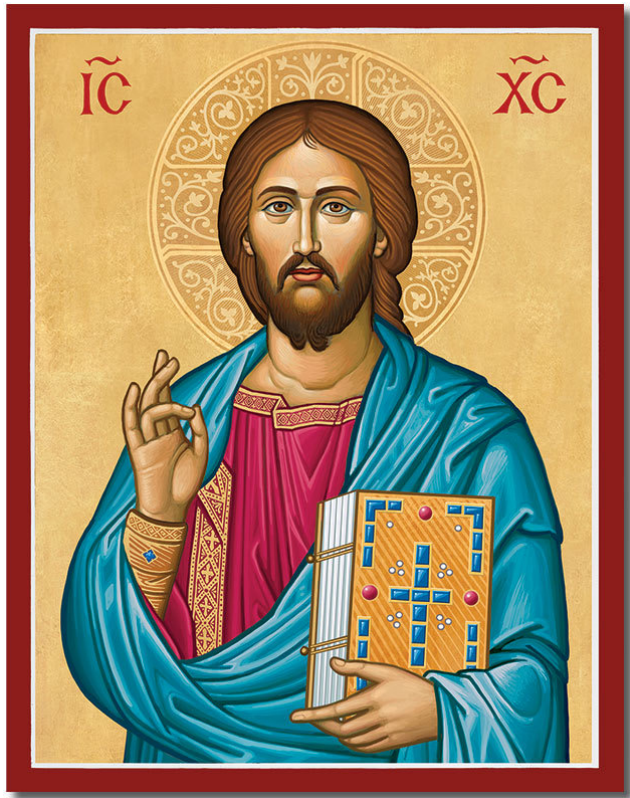


Um complexo é o resultado de episódios inconscientes generalizados de interações difíceis, caracterizados por uma emoção comum e núcleo de significado (arquétipo). Cada situação carregada emocionalmente torna-se num complexo. Sempre que os temas ou emoções relacionados com o complexo são activadas, todas as associações inconscientes são activadas – consteladas – juntamente com as emoções relacionadas nos vários episódios da vida da pessoa que resultam em estratégias e respostas típicas estereotipadas (Kast, p. 26)

Um complexo originalmente **positivo** é aquele que teve uma influência inicial positiva numa pessoa acerca da vida e por isso também no desenvolvimento da sua identidade e que continua a exercer a sua influência desde que exista separação no momento certo (Kast, 2022, p. 4)

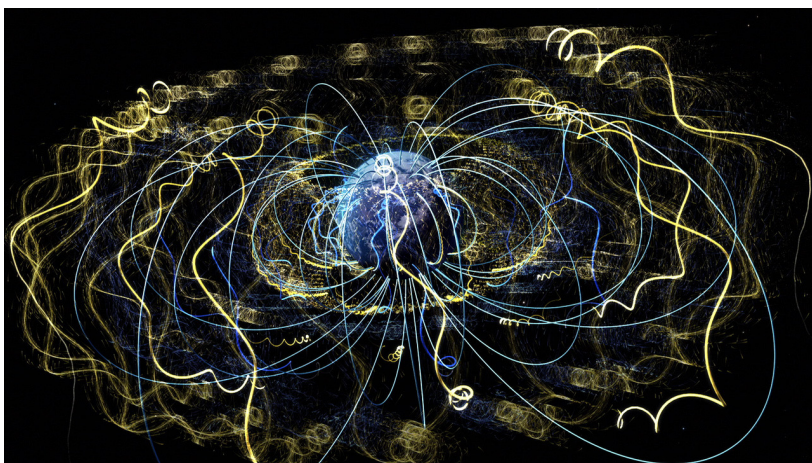


A importância dos complexos



“Jesus provavelmente foi filho ilegítimo. Ele por certo manifesta alguns traços característicos do indivíduo que não teve pai pessoal. Quando o pai pessoal está ausente e, em particular quando esse pai é totalmente desconhecido, tal como pode ocorrer com um filho ilegítimo, não há camada de experiência pessoal para mediar entre o ego e a imagem numinosa do pai arquetípico. Fica uma espécie de lacuna na psique, por meio da qual emergem os poderosos conteúdos arquetípicos do inconsciente coletivo. Essa condição constitui um sério perigo. Ela ameaça inundar o ego com as forças dinâmicas do inconsciente, provocando desorientação e perda de contato com a realidade externa. Se, todavia, o ego puder sobreviver a esse perigo, essa “lacuna na psique” torna-se uma janela que fornece percepções a respeito das profundezas do ser” (Edinger, 2020, p. 160)

Alguns complexos



Complexo de **abandono** (necessidade de vinculação segura) - abandonar ou sentir-se abandonado

Complexo de **dependência** (necessidade de autonomia) – extrema independência ou dependência

Complexo de **inferioridade** (necessidade de ser valorizado) – inferioridade ou superioridade (poder)

Complexo de **vergonha** (necessidade de brincar, espontaneidade) – vergonha ou desinibição

MUNDO EXTERIOR



MUNDO INTERIOR



SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE PSICOLOGIA
ANALÍTICA



INSTITUTO CG
JUNG
PORTUGAL



Aspeto Arquetípico (Inconsciente Coletivo)

Persona

Arquétipo da **adaptação social e da máscara** – padrão universal de relação com o mundo e de desempenho de papéis sociais.

Sombra

Arquétipo da **dualidade** – representa o potencial reprimido e o lado inconsciente da personalidade.

Anima / Animus

Arquétipos do **feminino e do masculino interiores** – expressam os princípios de **Eros (relação)** e **Logos (razão)** que estruturam a psique.

Si-Mesmo

Arquétipo da **totalidade e da unidade interior** – o centro regulador e integrador da psique



Aspeto de Complexo (Inconsciente Pessoal)

Persona

Conjunto das **identificações e papéis sociais concretos** (profissão, imagem, estatuto). Excesso de identificação gera rigidez e perda de autenticidade.

Sombra

Reúne **impulsos e memórias reprimidas assim como vida não vivida**. Surge em projeções e reações emocionais fortes

Anima / Animus

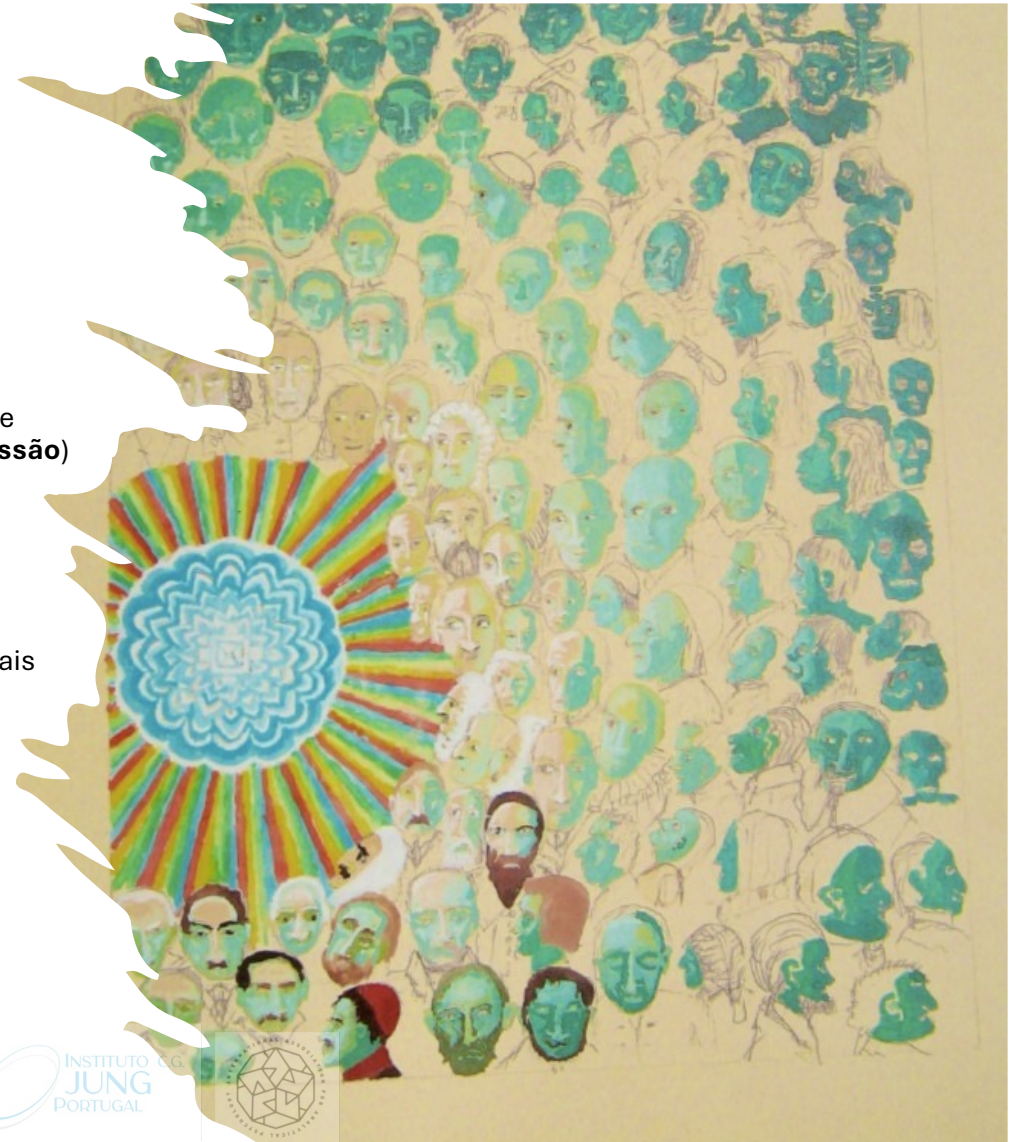
Formados pelas **experiências com o sexo oposto e valores culturais**. Podem aparecer como idealização, crítica interna ou inspiração criativa.

Si-Mesmo

Vivência pessoal do **centro orientador e simbólico da psique**. Manifesta-se em sonhos, mandalas e experiências de sentido ou totalidade.

Os complexos e o Eu

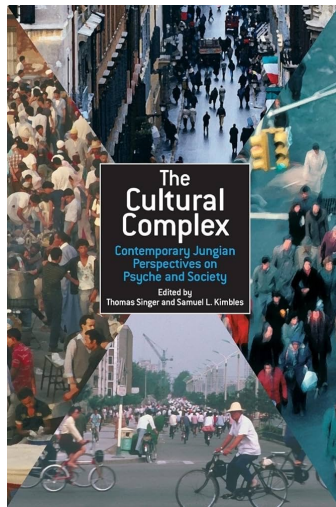
- Os complexos competem com o Eu por libido disponível
- Os complexos podem ser mais ou menos conscientes ou inconsciente dependendo da sua relação com o Eu (**grau de identificação / possessão**)
- Quando activados (carregados energeticamente), chamamos de **constelados**
- Quanto menos relacionados com o Eu (conhecidos, identificados), mais inconscientes e por isso mais autónomos
- Os complexos (e arquétipos) têm um carácter bipolar
- A integração de complexos traz nova energia para o complexo do Eu, expandindo-o
- (propósito/finalidade do complexo)
- Divisão interna (Neurose)



Complexos Culturais: Arquétipos que Habitam as Sociedades

O conceito de **complexo cultural** foi desenvolvido por **Thomas Singer** e **Samuel Kimbles** (2004, 2012), expandindo a teoria dos **complexos pessoais** de Jung para o **inconsciente coletivo contemporâneo**.

· Tal como os complexos individuais, os culturais **organizam afetos, narrativas e símbolos** — mas atuam **no nível de grupos, nações e culturas**. São **padrões emocionais coletivos** que moldam atitudes políticas, identitárias e sociais.



”Os complexos culturais são ativados e constelados em indivíduos e grupos, muitas vezes sem consciência, e influenciam o comportamento e a identidade coletivos” (Singer e Kimbles, 2004, p.5)

“Um complexo cultural é um fator autónomo na psique que carrega energia emocional coletiva, enraizada na história e no mito” (Singer & Kimbles, ibid., p. 8)



Complexos Culturais: Arquétipos que Habitam as Sociedades

- Complexos culturais **ligam passado e presente**, mantendo **traumas históricos e narrativas coletivas** (ex.: colonialismo, guerras, género, racismo);
- Podem ser **reativados por eventos sociais**, levando a comportamentos irracionais, polarização ou idealização;
- Na clínica, surgem como **sombra coletiva interiorizada** — experiências de pertença, exclusão, vergonha ou identidade;
- O trabalho analítico implica **reconhecer e simbolizar** esses conteúdos, promovendo **consciência cultural e integração ética**.

“Quando um complexo cultural é acionado, os indivíduos podem se ver possuídos por emoções que não são inteiramente suas, mas pertencem à história do grupo”

(Singer & Kimbles, *ibid.*, p. 19)

Silva, C. & Serbena, C. (2021). “A Teoria dos Complexos Culturais: uma perspectiv Junguiana do Social.” *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 12, n.1. p. 158-182



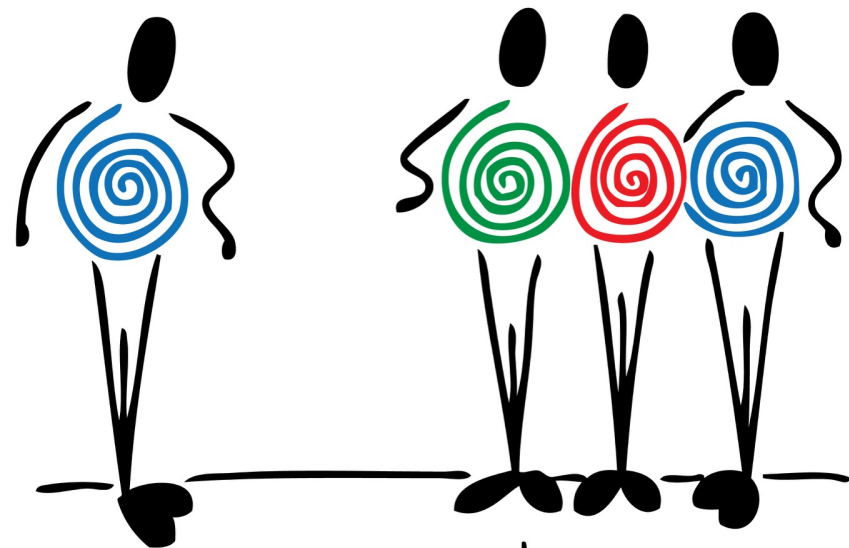
Criação dos complexos

Pessoal

- conflitos de infância ou actuais (pessoal)
- Trauma

Coletivo

- Família
- Grupos
- Cultura...



Paralelos do conceito noutras escolas

- Esquemas (Young)
- Modos Internos de Funcionamento (Bowlby)
- Representações de Interações Generalizadas (Daniel Stern)
- COEX (Stanislav Grof)
- Sub-personalidades (Moreno, Psicodrama)

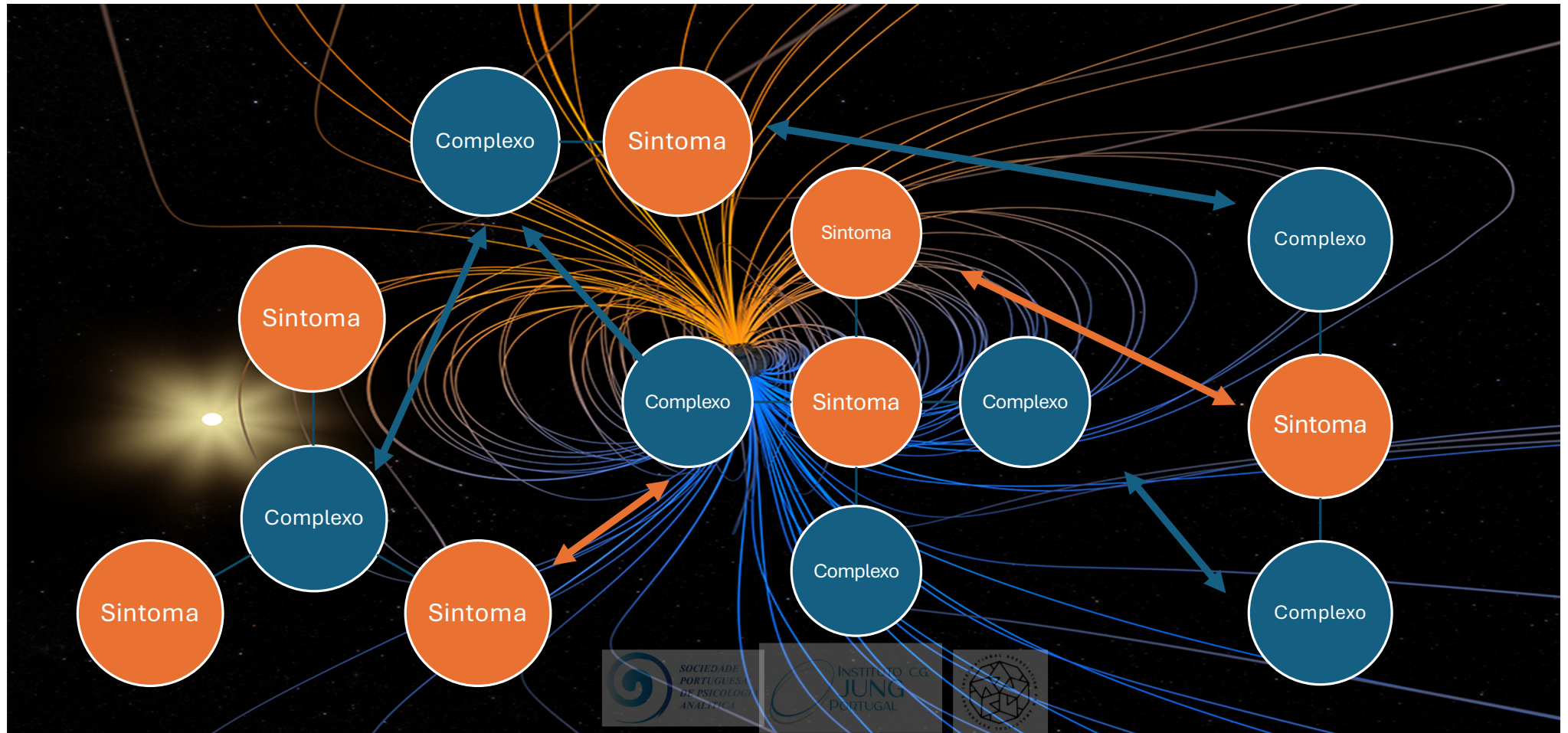


Programa

- Teoria dos Complexos (teoria clássica, novas teorias e neurociência)
- Os complexos na prática clínica



Da teoria... à prática



Porquê trabalhar com complexos?



Se um complexo particular não se torna consciente, será projetado nos outros. Se o Eu conseguir ter acesso ao complexo, tomar responsabilidade por ele e desenvolver empatia pelo dilema em questão, podemos perceber que símbolos acontecem que expressam o complexo; mas também reações físicas podem ser traduzidas em símbolos. Se estes símbolos e fantasias relacionadas com o complexo poderem ser experimentados e adquirirem uma forma, a energia ligada no complexo pode ser libertada e revitalizar-nos e abrir novos caminhos de viver e de nos comportarmos... se nos tornarmos conscientes abrimos a possibilidade de decidir se queremos atuar assim (outra vez) ou não (Kast, 2022, p. 28-9)

Da teoria junguiana dos complexos à investigação neurocientífica

Petchkovsky et al. (2013)

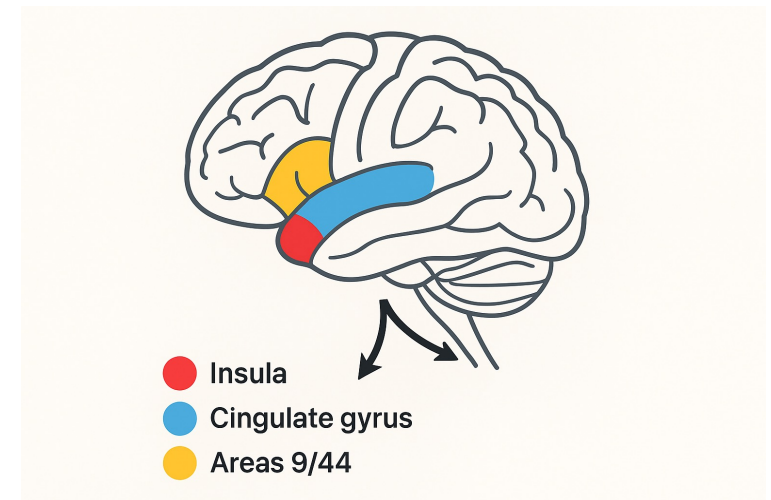
As respostas com indicadores de complexo ativaram múltiplas **estruturas neuronais**:

Ínsula anterior → consciência corporal, empatia e integração emocional;

Giro do cíngulo dorsal → deteção de conflito interno, autoconsciência;

Córtex pré-frontal (Brodmann 9 e 44) → rede de neurónios-espelho, percepção da “alteridade interna”;

Conectividade inter-hemisférica → diálogo entre emoção (direita) e linguagem (esquerda)



O complexo manifesta-se como **conflito interno entre** redes!

Petchkovsky, L. et al. (2013), “fMRI Correlates of Psychological Complexes”. *Journal of Analytical Psychology*, vol. 58, pp. 409-431

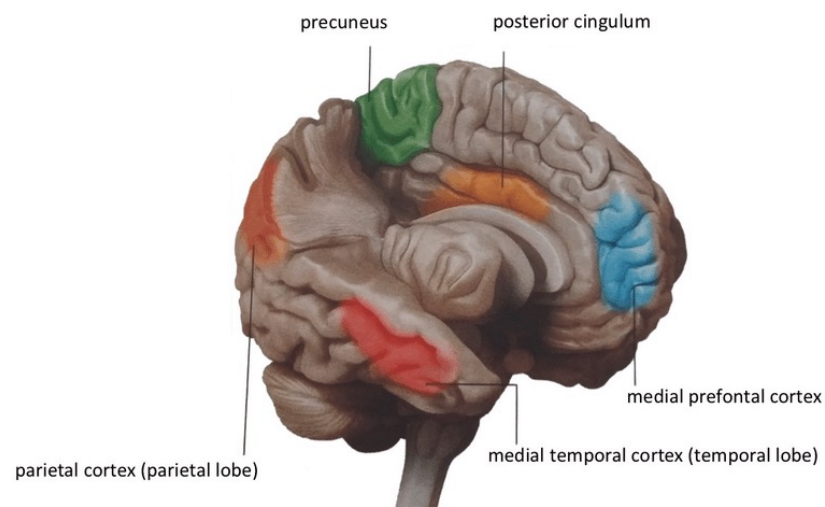
Da teoria junguiana dos complexos à investigação neurocientífica

- Observou-se **simetria inicial inter-hemisférica**, seguida por **predomínio do hemisfério esquerdo**, interpretado como “**pseudo-resolução racional**” do conflito.
- Padrão análogo à “**tensão dos opostos**” junguiana — a integração destas polaridades corresponde à **função transcendente**
- Mapeamento funcional
 - **Hemisfério direito:** processamento emocional, memória implícita, trauma, empatia.
 - **Hemisfério esquerdo:** linguagem, análise, narrativa consciente.
 - **Corpo caloso:** integração hemisférica e regulação emocional.
- A integração destes circuitos reflete **insight terapêutico e autorregulação**
- **Implicações clínicas:**
 - Mindfulness e empatia favorecem sincronização neural entre hemisférios.
 - A psicoterapia atua como **ambiente de integração simbólica**, promovendo reconciliação entre Si-Mesmo e o Outro interno



O Eu neurológico – Default Mode Network

Região principal	Localização	Funções principais
mPFC	Frontal medial	Autorreferência, identidade, emoções
PCC / Precuneus	Parietal medial	Consciência, memória autobiográfica
TPJ / IPL	Parietal lateral	Cognição social, empatia
Hipocampo	Temporal medial	Memória episódica, imaginação
Temporal lateral	Temporal superior	Conhecimento social, narrativas

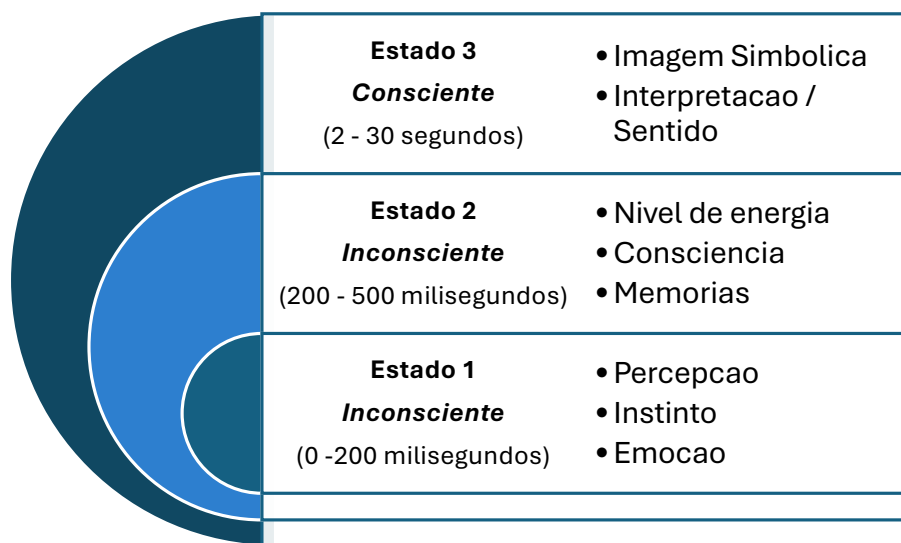


Raichle, M. E., et al. (2001). "A default mode of brain function." *Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS)*, 98(2), 676–682.

Constelação de um complexo – Sistemas dinâmicos complexos

“A atenção é completamente tomada pelo complexo emocionalmente carregado, da qual ela não se consegue libertar... A atenção torna-se anormalmente baixa para tudo o que não diz respeito ao complexo”

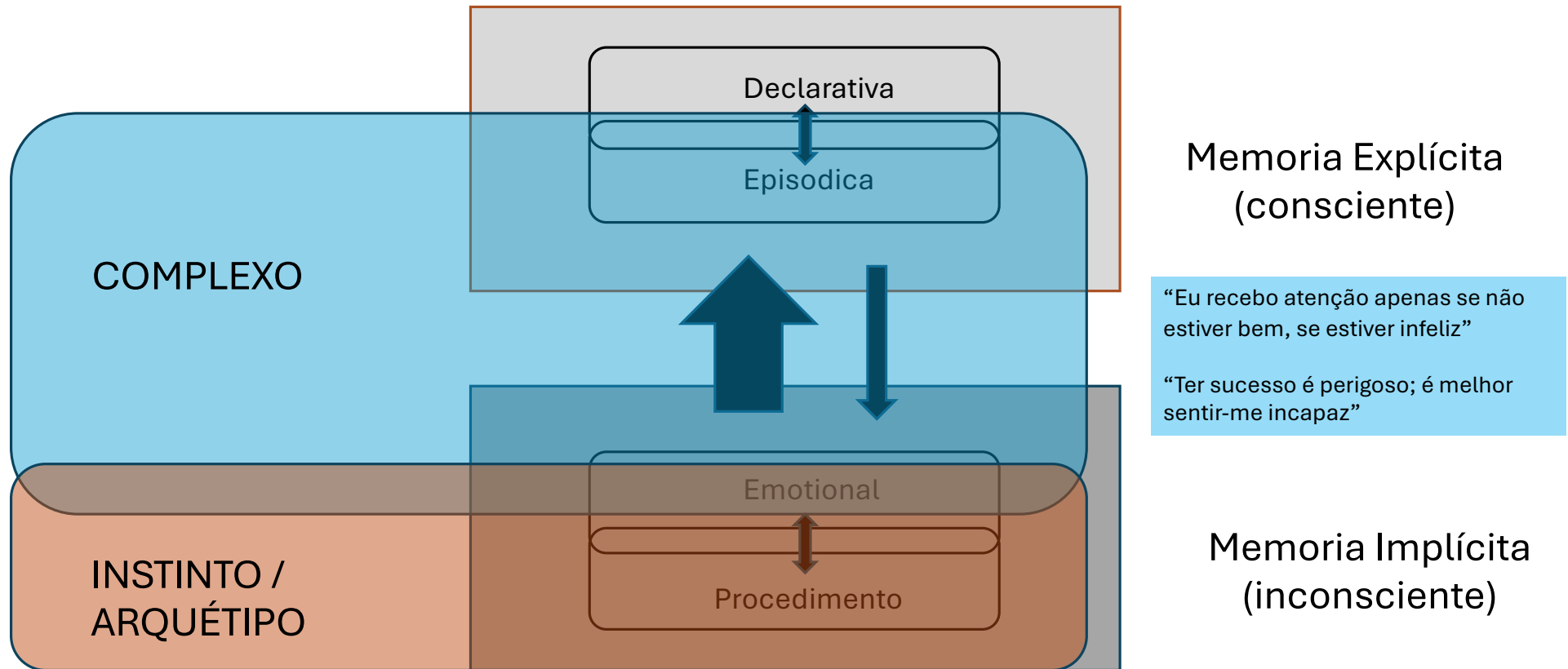
(Jung, 1928)



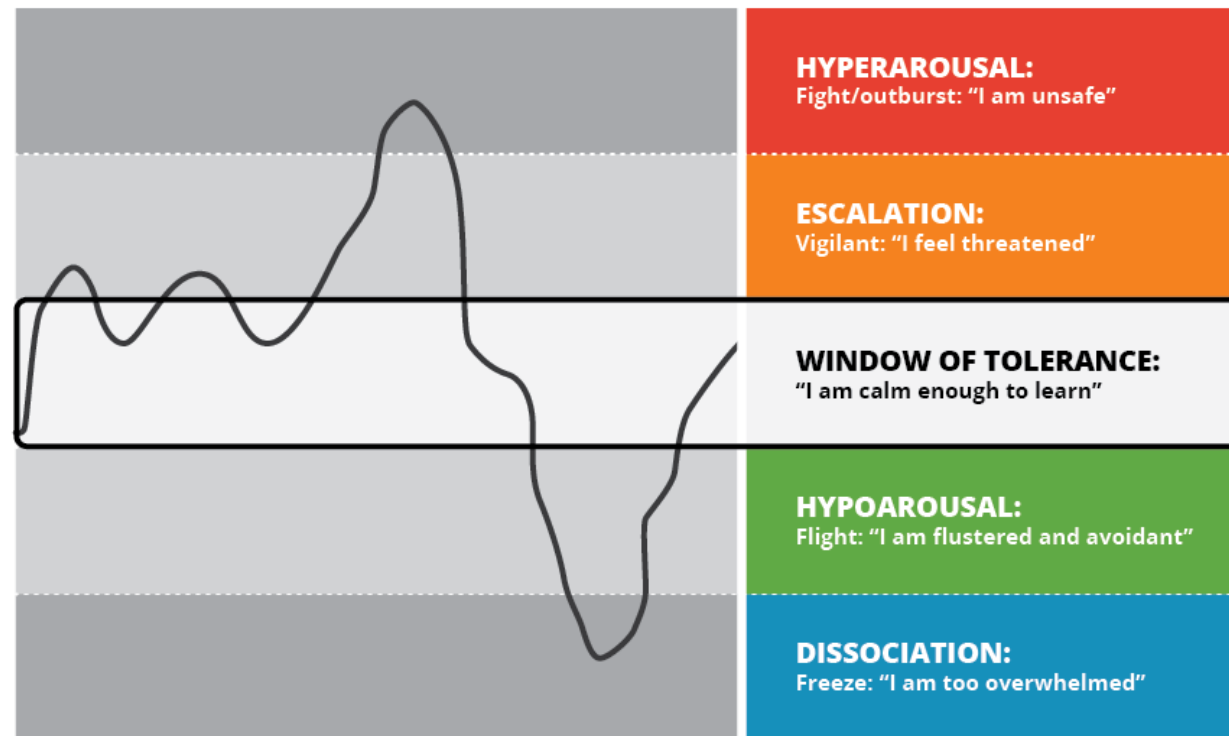
Complexo	Inferioridade	Raiva na estrada
Percepção	Ser forçado a decidir ou responder rapidamente	Ser ultrapassado na estrada
Nível de consciência	Diminui	Aumenta
Emoções		
Alegria		
Entusiasmo / interesse		
Cuidado		
Desejo sexual		
Medo	X	X
Tristeza		
Raiva		X
Nojo / Desprezo		X
Vergonha	X	
Surpresa		X
Instinto	Auto-defesa	Agressão
Energia	Esgotada	Aumentada
Memoria	De falhanço e de ser ridicularizado	De ser passado, ignorado, tratado injustamente
Imagem simbólica	Órfão	Vingador
Interpretação / sentido	“Tu não consegues...nem tentes”	“Quem e que ele pensa que é?”

Krieger (2014, p. 68-9)

Psicologia Analítica e Sistemas de Memória



Ativação e regulação



Reconsolidação da Memória

O **princípio da reconsolidação da memória** descreve um processo neurobiológico pelo qual **memórias já consolidadas podem regressar a um estado lábil (instável)** quando reativadas sob determinadas condições, tornando-se suscetíveis de **modificação, atualização ou mesmo eliminação** antes de voltarem a ser reconsolidadas.

Este conceito, demonstrado inicialmente em estudos com roedores por **Karim Nader, Glenn Schafe e Joseph LeDoux (2000)**, mostrou que, após a reativação de uma memória emocional dependente da amígdala, **a administração de um inibidor da síntese proteica (anisomicina)** podia impedir a sua reconsolidação, levando ao desaparecimento duradouro da resposta condicionada de medo.

Diferente da **extinção**, que cria uma nova memória de segurança sem apagar a original, a **reconsolidação implica uma atualização do traço mnésico existente**. O processo requer:

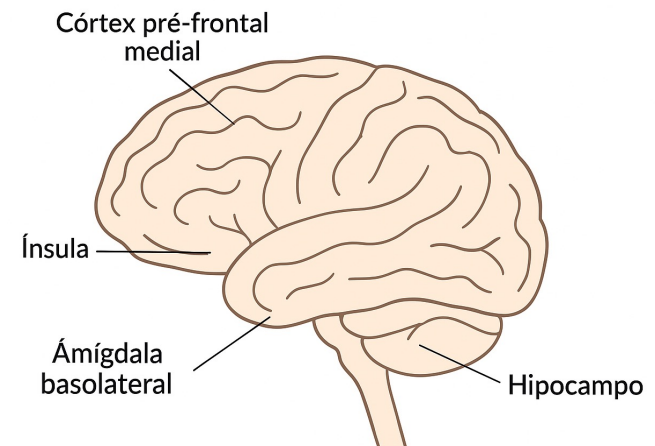
- 1. Reativação da memória original**, geralmente através de um estímulo recordatório (CS);
- 2. Indução de um “erro de previsão” (prediction error)** — discrepância entre o que é esperado e o que realmente ocorre;
- 3. Síntese proteica dependente de tempo** (janela de reconsolidação de 3 a 6 horas), durante a qual ocorre a reescrita sináptica no hipocampo e na amígdala lateral.

Reconsolidação da Memória

IMPORTANTE: Para que a reconsolidação ocorra, a simples evocação não é suficiente. É necessário que o organismo **experiencie um erro na expectativa associada à memória**. A ausência desse erro de previsão mantém a memória estável.

As redes envolvidas incluem:

- **Amígdala basolateral** (memórias emocionais condicionadas);
- **Hipocampo** (contextualização);
- **Córtex pré-frontal medial** (avaliação de incongruência);
- **Áreas de integração interoceptiva** (ínsula, cíngulo anterior), especialmente em memórias traumáticas.

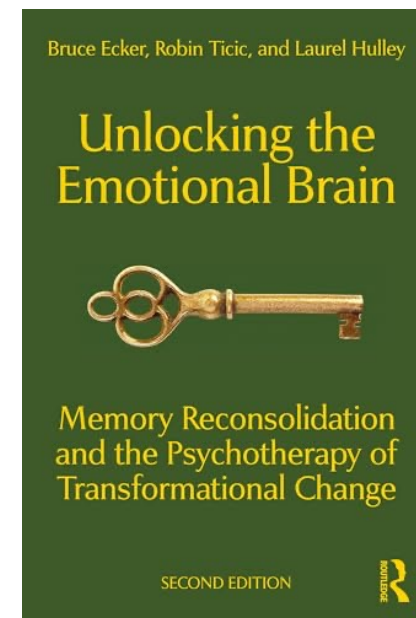


Aplicações em Psicoterapia

A reconsolidação fornece uma base neurocientífica para **mudanças emocionais duradouras** observadas em algumas abordagens clínicas. Em vez de suprimir sintomas, estas intervenções visam **reativar e transformar diretamente redes emocionais implícitas**.

1. Estrutura em três etapas (Ecker, Ticic & Hulley, 2012 – *Coherence Therapy*):

- **Reativação:** o terapeuta ajuda o paciente a aceder vividamente à experiência emocional problemática (por exemplo, medo, vergonha, raiva).
- **Incongruência emocional:** introduz-se uma nova experiência ou significado incompatível com a expectativa implícita (por exemplo, “agora sou seguro” vs. “estou em perigo”).
- **Integração:** ao experienciar ambas as realidades em simultâneo, o cérebro deteta o erro de previsão e desencadeia a atualização da rede mnésica.



Aplicações em Psicoterapia

2. EMDR (Eye Movement Desensitization and Reprocessing):

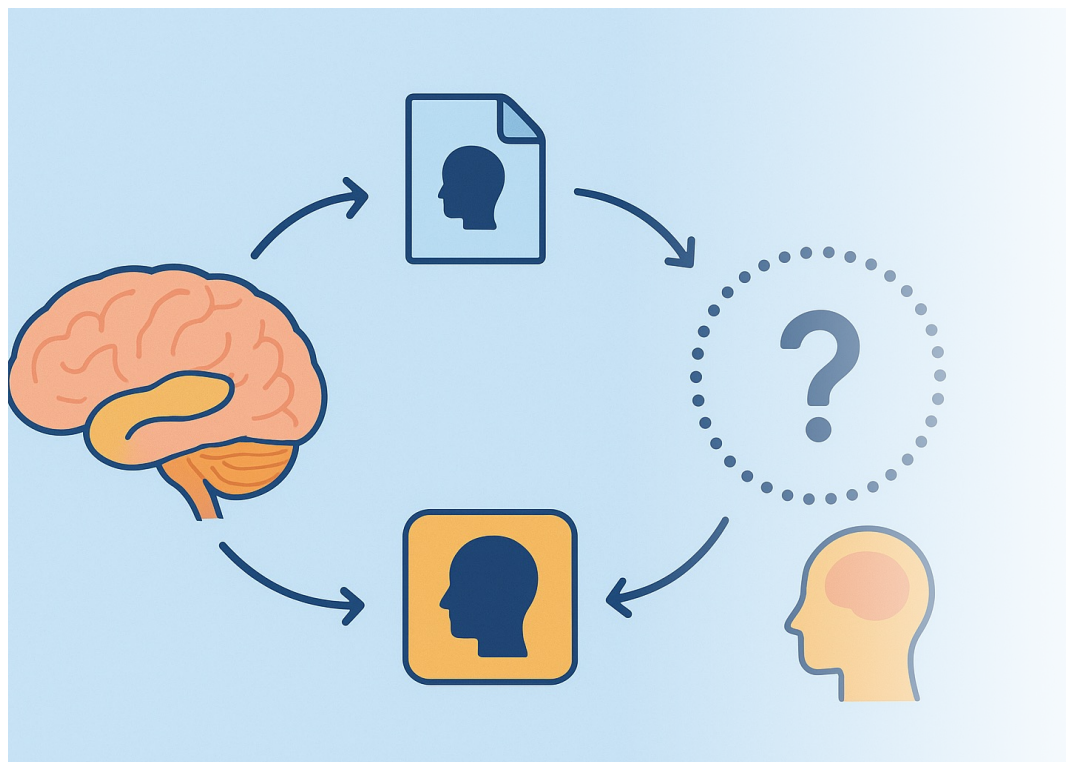
Durante a estimulação bilateral, memórias traumáticas são reativadas num estado de dupla atenção. A introdução de nova informação adaptativa e o relaxamento fisiológico promovem a instabilidade do traço e a **reconsolidação num formato menos ameaçador**.

3. Terapias baseadas em emoção (EFT, AEDP):

A evocação de afetos primários disfuncionais seguida da emergência de **emoções transformadoras** (auto-compaixão, empatia, perdão) cria o mesmo mecanismo de incompatibilidade emocional que permite a atualização da memória implícita.



Aplicações em Psicoterapia

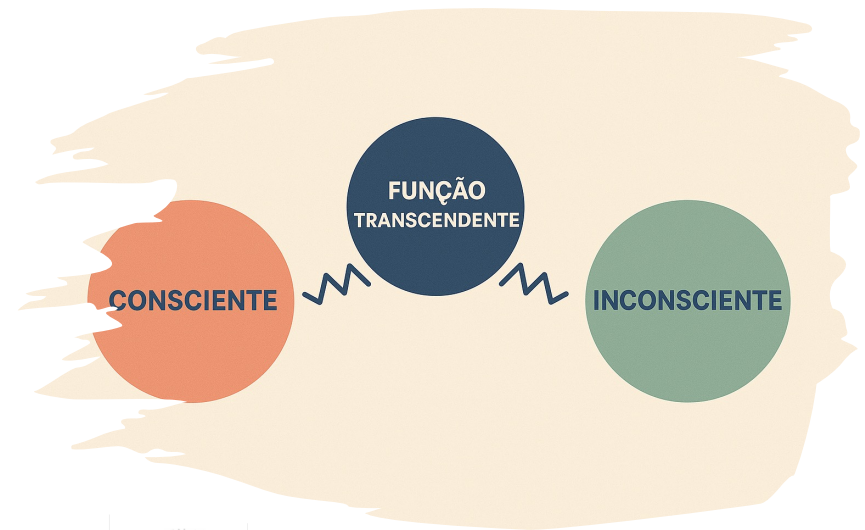


O modelo da reconsolidação sugere que o foco terapêutico deve ir além da exposição ou da interpretação cognitiva. O objetivo é **identificar e atualizar diretamente o modelo emocional implícito** que sustenta sintomas, comportamentos defensivos e crenças nucleares. Isto implica:

- Evocar memórias emocionais com precisão somática e contextual;
- Criar experiências corretivas que contradigam expectativas afetivas;
- Facilitar a integração consciente da nova informação sem reativar defesas.

E em Psicologia Analítica?

- Reativação - **Constelação do complexo**
- Incongruência emocional - **Complexo do Eu / outros complexos – criação de ENTROPIA**
- Integração - **Função transcendente**



SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE PSICOLOGIA
ANALÍTICA



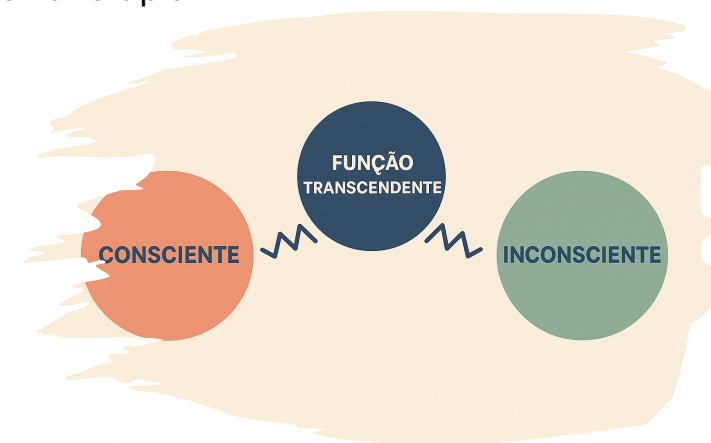
INSTITUTO CG
JUNG
PORTUGAL



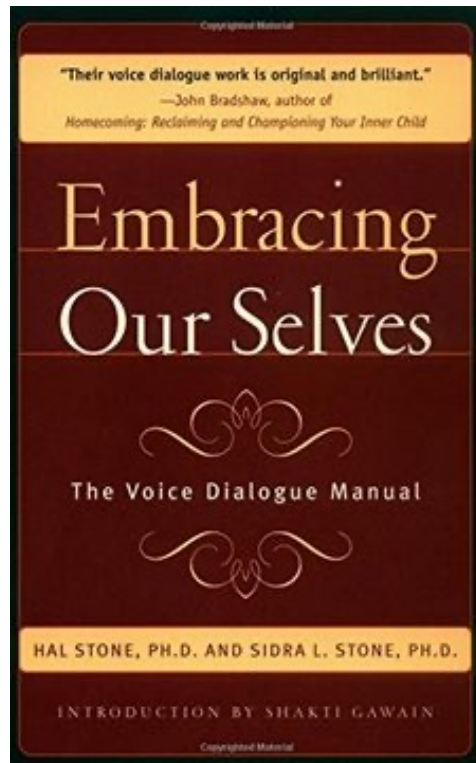
ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE PSICOLOGIA
ANALÍTICA

Criação / Ativação de novos complexos

- Criar **novos complexos positivos** (associações afetivas construtivas) facilita a **reconsolidação e integração** de padrões antigos disfuncionais.
- Exemplos:
 - Vivências simbólicas de aceitação, amor, competência ou perdão.
 - Imaginação ativa, sonhos, e experiências emocionais corretivas na terapia.



Um método...



Categoria

Primárias (Eu)

Reprimidas

Não desenvolvidas

Exemplos de Vozes

Controlador, Crítico, Cuidador,
Perfeccionista

Vulnerável, Rebelde, Preguiçoso,
Sensual

Guerreiro, Sábio, Ser Espiritual

Eu Consciente



Sonhos e complexos

“A via regia que nos leva ao inconsciente, entretanto, não são os sonhos, como ele pensava, mas os complexos, responsáveis pelos sonhos e sintomas. Mesmo assim, essa via quase nada tem de régia, visto o caminho indicado pelos complexos assemelha-se mais a um atalho áspero e sinuoso que frequentemente se perde num bosque cerrado e, muitas vezes, em lugar de nos conduzir ao âmago do inconsciente, passa ao largo dele” OC 8/1, *par. 210*



Método Subjetivo

Seminário 3 – Parte 1 online

Apresentação por cada formando aos colegas de um complexo em particular (aspetos psicodinâmicos e clínicos) – os complexos a trabalhar por cada formando serão acordados previamente



Referências Bibliográficas

Edinger, E. (2020). *Ego e Arquétipo*. São Paulo: Editora Cultrix

Jung, C. G. (2019). *Obras completas de C. G. Jung*. Editora Vozes: Petrópolis
Tipos Psicológicos – volume 6
A Energia Psíquica – volume 8/1
A Natureza da Psique – volume 8/2

Kast, V. (2022). *Filhas de pai, filhos de mãe: complexos de pai e mãe e caminhos para a identidade própria*. São Paulo: Editora Vozes

Krieger, N. (2014). *Bridges to consciousness – complexes and complexity*. Routledge: London and New York

Petchkovsky, L. et al. (2013), “fMRI Correlates of Psychological Complexes”. *Journal of Analytical Psychology*, vol. 58, pp. 409-431

Raichle, M. E., et al. (2001). "A default mode of brain function." *Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS)*, 98(2), 676–682.

Silva, C. & Serbena, C. (2021). “A Teoria dos Complexos Culturais: uma perspectiv Junguiana do Social.” *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 12, n.1. p. 158-182

Singer, T., & Kimbles, S. L. (Eds.). (2004). *The Cultural Complex: Contemporary Jungian perspectives on psyche and society*. Brunner-Routledge

